

**RIO ABAIXO**

**RIO ABAJO**

**DOWN THE RIVER**

**Enviado: 15.10.24 Aceptado: 20.01.25**

**Ádamo da Veiga**

Doutor em Filosofia pela PUC-Rio e pós-doutorando em Educação no Laboratório de Estudos Queer em Educação (LEQUE) do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/Brasil). Coordenador Pedagógico do Instituto Estudos do Presente.

Email: [adamodaveiga@gmail.com](mailto:adamodaveiga@gmail.com)

**Cassiana Stephan**

Doutora em Filosofia. Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR/Brasil). Pós-doutoranda em Educação no Laboratório de Estudos Queer em Educação (LEQUE) do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/Brasil).<sup>1</sup>

Email: [cassianastephan@yahoo.com.br](mailto:cassianastephan@yahoo.com.br)

---

<sup>1</sup> Este estudo foi financiado pela FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Processo SEI E-26/200.030/2024. Programa de Pós-doutorado NOTA 10.

## Rio abaixo

Ádamo da Veiga e Cassiana Stephan

O presente texto é resultado de uma conversa experimental que não se pretende fiel a nenhuma corrente filosófica, mas que se deixa atravessar pela força da correnteza do rio que faz com que duas perspectivas distintas se choquem e se entrecortem na construção de sentidos ambivalentes em torno de Gaia. Esse diálogo possui um caráter epistolar e as imagens que o acompanham demarcam a ficcionalização do espaço-tempo a partir do qual se conversa. A relação entre a palavra e a imagem nos remonta, assim, à cultura dos cartões-postais que acompanha a comunicação dos nômades, que não pertencem a lugar algum justamente porque pertencem ao mundo em sua vastidão de mundos possíveis e impossíveis, críveis e incríveis.

**Palavras-chave:** Gaia, Rio, miséria, amor.

Este texto es el resultado de una conversación experimental que no pretende ser fiel a ninguna corriente filosófica, pero que está permeada por la fuerza de la corriente del río que hace que dos perspectivas distintas colisionen y se entrecrucen en la construcción de significados ambivalentes en torno a Gaia. Este diálogo tiene un carácter epistolar y las imágenes que lo acompañan demarcan la ficcionalización del espacio-tiempo desde el que se desarrolla la conversación. La relación entre palabras e imágenes nos remite así a la cultura de las postales que acompaña la comunicación de los nómadas, que no pertenecen a ningún lugar precisamente porque pertenecen al mundo en su inmensidad de mundos posibles e imposibles, creíbles e increíbles.

**Palabras clave:** Gaia, Río, miseria, amor.

This text is the result of an experimental conversation that does not claim to be faithful to any philosophical current, but which is permeated by the force of the river current that causes two distinct perspectives to collide and intersect in the construction of ambivalent meanings around Gaia. This dialogue has an epistolary character and the images that accompany it demarcate the fictionalization of the space-time from which the conversation takes place. The relationship between the word and the image thus takes us back to the culture of postcards that accompanies the communication of nomads, who do not belong anywhere precisely because they belong to the world in its vastness of possible and impossible, credible and incredible worlds.

**Keywords:** Gaia, River, misery, love.

1.

A terra completamente esclarecida fulgura sob uma catástrofe triunfal, dizem-nos Adorno e Horkheimer (1985), e é esta catástrofe que vemos na proliferação de imagens que habitam nossas telas, os rios inundados e os rios secos, a estiagem prolongada e os ciclones, as ondas de calor e o degelo do Ártico. E eu lhe digo que catástrofe é o *que somos*. Pensamos a catástrofe como externa; algo que se sucede a nós, algo do lado de fora, algo que irrompe e nos ameaça, nos destrói e nos fere. Não vemos, assim, a catástrofe no que ela tem de mais cruel. *Ela não está simplesmente do lado de fora; ela está tanto dentro, quanto fora. Ela é íntima, interna tanto quanto externa e a sua aparência de exterioridade, a sua aparência de independência e acaso, de súbita irrupção e providência negativa, faz parte dela mesma enquanto catástrofe. Ela é interna, eu digo, porque ela é imanente ao que somos.* Sabemos, desde Deleuze e Guattari, que o capitalismo não se dá por sobre sujeitos (ou indivíduos), mas que ele os constitui no mesmo movimento em que ele se constitui, age e opera. O capitalismo nos faz ser o que somos, nas nossas inspirações e desejos – e é neste desejo que nos constitui que habita a catástrofe. Desejamos a liberdade; desejamos a prosperidade; desejamos interromper o jugo da necessidade, desejamos um mundo melhor. A liberdade – e isso nos demonstra Chakrabarty (2021) – requer carbono, requer fertilizantes, desmatamentos, indústria. Somos bilhões porque somos catástrofe, para os não-humanos e para nós mesmos. Vivemos sob o murmurinho violento desta catástrofe que se inscreve em tudo que fazemos, no que trabalhamos, no que comemos, no que aspiramos e no que desejamos. A catástrofe é desejo e por isso ela nos é íntima.

O capitalismo instaura a historicidade e, nela, o desejo da resolução do conflito em liberdade, em uma solidificação laica de um *parusia* sempre diferida. Latour (2015) hesita em falar de capitalismo, preferindo falar de Modernos – eu digo que os *modernos* são aqueles todos que vivem conforme constituídos pelo capitalismo, pouco importando que o assim chamado socialismo tenha sido sonhado sobre as mesmas bases que ele. É no capitalismo que se instaura o desejo pelo progresso, pelo mais e pelo mais; é nele que se instaura a indústria e, com ela, a possibilidade *material* de sermos aos bilhões; é nele e através dele, como viram Marx e Engels (1997), que se instaura as condições (e o desejo, acrescentaríamos) da sua superação em direção a um mundo em que, livres da propriedade privada, poderíamos desfrutar com justiça dos seus frutos antes espoliados. Somos modernos porque somos

## Rio abaixo

Ádamo da Veiga e Cassiana Stephan

catástrofe e a maior catástrofe é que não queremos, não podemos ser diferentes. Em nós, a promessa da abundância é a mesma promessa de liberdade e de justiça – mesmo no nosso ódio para com o Capital, o colonialismo e o Império, é para a abundância que olhamos. Mas, agora, somos tomados de uma estranha cegueira branca: não vemos porque vemos de-mais, não vemos saída em direção à abundância porque vemos, com clareza excessiva, que *não há abundância*. A intrusão de Gaia é o imperativo da nossa miséria.



Imagem 1. 1941, Porto Alegre, Rio Grande do Sul/Brasil. CP MEMÓRIA/Reprodução. Fonte: [Veja](#)

## 2.

“A intrusão de Gaia é o imperativo de nossa miséria”, você me disse.

Demorei muito tempo para entender o que isso significava. Por muito tempo achei que isso não significava nada, até que um dia, o rio pelo qual me apaixonei e com o qual estabeleci por anos e anos, décadas e décadas, moradia, decidi-me dizer que o amor que eu lhe impingia era violento demais, bruto demais, interesseiro demais para ser amor de verdade. Senti-me, então, uma impostora justamente no momento em que Gaia me inundou com sua forma lamacenta. E isso aconteceu quando ela se misturou ao rio num ímpeto erótico de tipo fusional, naquele tipo de ímpeto que possui o caráter vingativo da revolta.

Acho que nunca cheguei a te contar tudo isso, mas talvez você já esteja sabendo, porque os boatos correm soltos por aí e é bem possível que essa história já tenha atingido seus olhos e ouvidos.

Pois bem, o rio se apaixonou por Gaia e da fusão desses amantes inveterados surgiu a tempestade que reunia, ao mesmo tempo, os elementos da terra e da água, constituindo-se numa matéria lamacenta que invadiu a moradia que eu havia violentamente construído com o rio, sobre o rio, em suas margens. De início, cheguei a me perguntar se a tempestade era, de fato, resultado desse vínculo proibido, adúltero, entretido entre o rio e a tal da Gaia. Mas, não há como negar, a tempestade é herdeira desses dois agentes insurgentes. Ela é filha da revolta, como a bomba é filha do vínculo depravado entre a guerra e o homem.

No dia em que a tempestade me atacou como os ditos “terroristas” atacam seus inimigos, eu descansava sob os lençóis freáticos, sob aqueles mesmos lençóis onde o rio e eu havíamos selado nosso pacto nupcial. Descansava sozinha depois de um longo dia de trabalho – daquele mesmo tipo de trabalho sobre o qual fala Marx (2023). Descansava sozinha porque o rio já tinha me abandonado, me trocado por Gaia: um dia, o rio havia mergulhado em direção às zonas mais profundas desses mesmos lençóis freáticos que nos uniram em superfície para ficar com Gaia nas profundezas. Desde então, decidi que jamais iria até lá para confrontá-lo, até porque, sendo quem sou, não tenho acesso imediato a esses cantos subterrâneos do mundo – você sabe como é, você é como eu e nenhum de nós tem esse tipo de capacidade.

Enquanto repousava, não conseguia parar de pensar que talvez o rio tivesse sido injusto comigo e não eu com ele. Não conseguia entender por que o rio considerava que eu tinha sido tão violenta em nosso amor. Só fiz aquilo que o contrato dizia que eu poderia e deveria fazer. Não fui imoral como o rio insiste em me dizer.

Em meio ao turbilhão dos pensamentos que me convenciam que eu não era a responsável pela catástrofe do nosso amor, começo a ouvir a tempestade chegar com raios e trovões bélicos. Assustei-me e cogitei que talvez todo esse festim tivesse alguma relação com a típica fusão sacrificial dos amantes (Nancy, 1999).

A tempestade veio, caiu de paraquedas em minha direção, arrastou as camadas mais superficiais dos lençóis que, até então, me acomodavam naquela

## Rio abaixo

Ádamo da Veiga e Cassiana Stephan

noite que se sucedia, de forma malsucedida e nada dignificante, a um dia de trabalho. A tempestade me despejou da infraestrutura que construí com/sob às margens do rio. Nesse momento, entendi que contrato nenhum é seguro o suficiente para me proteger. Nesse momento, senti a vulnerabilidade em mim: percebi que eu era tão vulnerável quanto o rio, quanto o rio que eu achava que sabia amar, mas do qual eu simplesmente abusava sem dó nem piedade. A tempestade trouxe consigo os elementos daqueles que a geraram; trouxe, portanto, o ato da vingança do rio contra mim. Não tenho dúvidas de que foi Gaia quem convenceu o rio. Sozinho, ele jamais faria isso – você sabe: em geral, ele era bastante pacífico.

Sem mais nem menos, Gaia expropriou-me do território que eu considerava ser meu, só meu (e do rio). Depois de muito caminhar e de tentar, após a tempestade, encontrar um novo abrigo, deparei-me com a miséria que vagava sozinha, tal que um ermitão, em meio ao mundo devastado pela revolta dos amantes outrora colonizados. Olhei para a miséria e ela olhou para mim. Nem precisei dizer nada, pedir nada. Ela se adiantou, excitada por um desejo paternalista, e me disse que tinha um abrigo e que nesse abrigo havia espaço para mim.

Cá estou. Não tive alternativa.

Foi assim que a intrusão de Gaia se tornou, pelo menos para mim, o imperativo da miséria.

170



Imagem 2. 2024, Rio Grande do Sul/Brasil. Jonathan Heckler / CP Agência RBS. Fonte: *Diário Gaúcho*

3.

É um erro tomar um rio como amante, acreditar em uma forma de convivência e de paz; é um erro tomar como erótica a relação entre quem finca uma casa e o rio que lhe serve de margem. Entendemos sempre errado a ideia de uma aliança mais que humana levamos sempre em um tom muito jovial e muito encantador a possibilidade de alianças com esta para além do que somos. Porque entendemos errado o que é uma aliança, como entendemos errado o que é o erotismo.

Não se faz aliança por amor, por empatia, por convicção. Se fazem alianças no jogo de forças que se chocam. Uma aliança é uma soma de forças postas juntas contra outras forças; é uma luta antes de ser uma amizade. Aliar-se é lançar-se juntos num confronto, no qual as forças se somam contra outras forças. Pareço hobessiano (1974), tristemente hobessiano, você há de me dizer; mas eis que as caducas teorias da geopolítica, as estratégias deliradas por cientistas políticos e internacionalistas têm algo a nos ensinar. Não se fazem alianças de forma romântica, travestidas, bem ao nosso gosto, de mutualismo ou de simbiose, em que todos querem o bem ou aspiração igualmente nobre; tampouco, podemos ser rígidos (e ingênuos) de supor, como fazem os bons estrategistas, de que se fazem alianças a partir do rigor de um cálculo de interesses, ganhos e perdas. O que os estrategistas nos ensinam é outra coisa. Que não há leveza, nem poesia, em uma aliança – que o que parece ser convergência, no final, é só uma estabilização de divergências. Você me fala do amor por um rio, e penso em Spinoza (2009), que hobessiano e, ao mesmo tempo, ecologista profundo extemporâneo, debocharia deste amor. Compor com potências de agir é enlaçar violências em crueldade. Faz-se da violência aquilo que instaura uma crueldade, aquilo que mantém a violência no rito e na normalidade assim instaurada. Alianças são balanços de força, composições de violência. Por isso não se pode amar um rio – amá-lo já é traí-lo. E eu te digo que neste amor por um rio, um amor no qual o rio trai, no qual o rio violenta, também é entender errado o que é o erotismo. Porque o erotismo não é o que chamamos usualmente de amor, está longe do que poderíamos classificar como romântico. O verdadeiro amor é violência. O erotismo é desfazer-se na inquietude de um outro – aprendemos isso com Bataille (2020), e, talvez, com Sacher-Masoch (1991) bem antes dele. Não se trata, jamais, entre você e um rio, entre um amante e seu par, de dois que se complementam em alegria; mas de dois que morrem juntos em aliança. A morte é a condição da aliança – as forças

que se somam desfazem aqueles que aparentemente as portam. Como Nietzsche (1999), certa vez, objetou a Spinoza (2009): como pode pensar um aumento de potência que não desfaz aquele que porta esta mesma potência? Se as forças não desfazem aqueles que as portam, de fato, não se compõem, caso contrário, incorremos na ingenuidade dos estrategistas que veem numa aliança a força de A se somando a de B, sem verem que A e B, em uma verdadeira aliança, morrem na medida mesma em que se aliam. Esquecemos muito facilmente desta morte, preferindo pensar nela em termos orgiásticos, dionísicos, como o suplantarmos de si em direção a um todo mais vasto. Não se trata de nada disso; aliar-se é morrer ou, de forma mais precisa, já estar sempre morto.

Como no erotismo.

Tanto o erotismo, como a aliança, e o erotismo como aliança e a aliança como erotismo, tem como foz este mesmo oceano: a morte. Pareço dramático, eu sei, e você pode me acusar disso, sem problema; mas também entendemos errado o que seria a morte, como também, usualmente, entendemos errado a aliança e o erotismo. O que eu preciso dizer, é o que nos diz Gaia, mas o mesmo que já nos antes disseram tantos (e me recuso a listá-los). O que nos diz Gaia, eu te digo, é que nós já estivemos sempre mortos, nós nunca existimos, inventamos mentiras para fingir que existimos, mas estas mentiras sempre esbarraram na violência da aliança, na violência do amor, na violência do erotismo, na violência da matéria, eu gostaria de dizer isso, que nós nunca existimos, sempre “fomos” isso que uns chamam de potências de agir, outros de performatividade de gênero, outros de liberdade, eles dão palavras para o fato de que não somos, e é isso que o seu rio poderia ter te ensinado, o fato de que somos nódoas em teias de relações infinitamente desdobradas, somos epifenômenos por sobre outros epifenômenos, já estamos todos mortos, eu te digo, nunca estivemos vivos, *porque nunca fomos*, você nunca esteve no leito deste rio, porque você, tal como o rio, são tal como o erotismo, a aliança e a morte, *nada*, em última instância, *nada*, porque pensamos tão errado o que seria o ser, que só podemos pensar o que somos como nada, somos mais células de bactérias do nosso corpo do que somos *nós*, somos moléculas que processam proteína, somos vozes que processam discursos, somos o que se dá no entorno de comer, digerir e cagar, somos o sol que produz as plantas que comemos e os animais que comemos porque comem as plantas, somos o ar produzido por plânctons e bactérias,

## Rio abaixo

Ádamo da Veiga e Cassiana Stephan

somos a herança simbólica dos nossos pais, somos o resultado de dois bilhões de anos da vida na terra, o resultado da luta do inconsciente com a realidade, somos a temperatura média da Terra, somos um hino nacional cantado toda manhã na escola, somos o carbono que emitimos pegando um ônibus para ir



para o trabalho, somos sinapses em uma massa esponjosa dentro de uma coberta de potássio, fósforo e cálcio, somos tudo aquilo que, no fim, impede que possamos falar de um nós, que possamos usar a primeira, a segunda ou a terceira pessoa. Resta aquilo que não tem pessoa: o nada.

E é por isso, que não entendo como se pode amar um rio.

*Imagem 3. Sem título, sem ano. CP Susu Laroche. Fonte: Medium*

### 4.

“E é por isso, que não entendo como se pode amar um rio”, você disse a ela.

Ela, por sua vez, disse em voz alta: Sim, nunca entendi como pude amar um rio, se é que pude amá-lo um dia!

Você fez com que ela duvidasse do amor que sentia, você fez com que ela pensasse sobre o amor que sentia. A partir do momento em que, interpelada por você, ela começou a pensar sobre esse amor, definitivamente parou de vivê-lo, pois como outrora disse Bernardo Soares (e aqui se torna inevitável não o citar), “viver é não pensar” (Pessoa, 2013, §112). Mas, um escoliasta, esteja falando de Virgílio ou de Gaia, é incapaz de chegar a tal aceção da espontaneidade. O pensamento demasiado profundo, demasiado filosófico impede-o de fazê-lo. Pobre daquele que permanece atado à célebre fórmula do *penso, logo (in)existio*. Deveras, para existir(mos) precisamos de um pouco menos de pensamento. Precisamos esquecer que pensamos e, assim, dizer sem peso na consciência “que sobretudo nos cansamos”, cansamo-nos de pensar (Pessoa, 2013, §112).

\*

Sem pensar, ela disse a ele, seu interlocutor oracular:

Você tem toda a razão, aquele tipo de razão soberana que, mesmo em nome de Gaia, coloca-se acima de tudo e de todos para dizer que nunca entendemos nada e para dizer que porque não entendemos tudo não passa de

## Rio abaixo

Ádamo da Veiga e Cassiana Stephan

simulacro e de simulação, que nós, nós...que nós não existimos de fato – nem o fato, nem o nós e muito menos esse verbo conjugado na segunda pessoa do plural. Acho que quando você diz que não entende(mos) o erotismo, que não entende(mos) a morte, que não entende(mos) como se pode amar um rio, você também diz que gostaria de entender tudo isso e que talvez o entendimento ainda possa nos salvar de uma série de mal-entendidos históricos, culturais, ecológicos, sociais, naturais, políticos, éticos – seja lá como podemos qualificar esses mal-entendidos.

O meu encontro com a miséria, com a miséria que Gaia trouxe até mim, deve-se a um amor efetivamente vivido como mal-entendido. Mas confesso que pensar me cansa, de modo que já não tenho mais forças para viver uma aliança refletida – seja uma aliança simbiote utopicamente não-violenta, seja uma aliança estrategista típica da crueldade neoliberal, seja uma aliança perspectivística de forças que se sobrepõem em um tom hobbesiano-nietzschiano (1974; 1999) bastante atual, super atual, até demais...

...perdi minhas forças, perdi minhas forças para o rio porque o rio me consumiu por inteira, tenha sido em nome de Gaia, de algum deus, tenha sido por vingança ou por um despropósito caótico. Perdi minhas forças e, hoje, já não consigo mais disputar o lugar da verdade, nem mesmo para afirmar com propriedade que tudo não passa de um mal-entendido. Então, em um gesto hipocritamente humilde entrego a você a vitória dessa batalha argumentativa: não quero mais saber.

Entrego a você o candelabro sombrio de um entendimento tardio de tipo niilista: tome isso tudo pra você, porque não sei e nem quero mais saber se um dia amei ou pude amar o rio. Não quero duvidar do que vivi – a dúvida ainda é um gesto cartesiano demais.

Deixe-me ir.

*Deixe-me ir*

*Preciso andar*

*Vou por aí a procurar*

*Rir pra não chorar*

*Deixe-me ir*

*Preciso andar*

*Vou por aí a procurar*

*Sorrir pra não chorar*

*Quero assistir ao sol nascer*

## Rio abaixo

Ádamo da Veiga e Cassiana Stephan

*Ver as águas dos rios corre ... (Cartola, Preciso me encontrar, 1975)*

Deixe-me, então, mergulhar no rio e não me incomode mais com o seu saber.



175

*Imagem 4. The Destiny Descends to the River and Accompanies Two Innocent Children, 1970/71, CP Jan Saudek. Fonte: [Art Institute Chicago](#)*

Acostumei-me com o conforto da miserabilidade que me acolheu, não quero ser ninguém que entende, nem que entende alguma coisa e nem mesmo que entende que tudo é nada. Estou cansada. Por isso, acho que não sirvo para esse embate dialógico: o cansaço da desilusão e da necessidade por (re)construção entupiu as vias aéreas da minha razão, de modo que não posso mais dizer que continuo a respirar. Por isso, decidi simplesmente invadir o recôndito mais fundo do rio que outrora me massacrou – não quero abandonar esse lugar, mesmo que ele (o rio) queira que eu saia.

Foi a miséria que me levou até lá. Por lá fiquei durante algum tempo e de lá retornei sem que ainda conseguisse respirar. Como não consigo mais pensar pelo nariz, abri minha boca e nesse exato momento engoli todo aquele montante de água e de lama que o rio manipulou para me expulsar (mais uma vez e sem mais nem menos) daquele leito.

Eu havia retornado à superfície na esperança de provar que eu nunca existi, assim como você agora pouco me disse em um tom quase categórico – lembro-me de você dizer que me diria o que disse Gaia e, de acordo com o que você me conta, ela disse que: “nós já estivemos sempre mortos, nós nunca existimos, inventamos mentiras para fingir que existimos”. Tentei provar que nunca existi(mos), mas não consegui.

**5.**

Ouvindo o que você diz, eu penso que há na vontade de verdade, na vontade de pensar, na vontade mesma de pensar que não pensamos, na existência que pensa na sua própria inexistência, algo que diz respeito à violência do rio, à Gaia e à tragédia no Sul. Digo que tem relação, pois aprendemos com Nietzsche e com Foucault (1998), que a vontade de saber não é uma candura desinteressada, tampouco a realização do espírito na história, mas embate e vontade de domínio. É natural que nos cansemos daquilo que se faz no confronto; a verdade é da ordem do cansaço, tanto quanto da luta. Creio que possamos torcê-la e que não possamos abandoná-la. A sua monotonia e a sua crueldade fazem parte do que somos, e, como você disse, mesmo quando queremos não ser o que somos e afirmamos a inverdade da própria verdade, a inexistência da nossa existência, ainda estamos no jogo da verdade, no seu ímpeto e na sua crueldade. E claro que o que nos fez o rio é resultado desta verdade que se coloca como domínio. A razão, erigida sob a força, espalhou-se pela terra arrogando-se o título de senhora e rainha, e o que nos diz o rio é que a sua potência carrega tanto da sua própria impotência, que a sua vontade de conquista tem como único horizonte possível a sua derrota. Porque a potência mais que humana ultrapassa em muito a humana – e quem poderia esperar que, no fim, adviesse pelas nossas próprias mãos o redobrar da nossa finitude? Caímos dos ombros dos gigantes que achávamos que fôssemos e foi ela, esta vontade de verdade, que nos fez erguer escadarias tão pesadas que afundam o solo no qual se sustentam. Tudo começa pelo embate, pelo diálogo, pela vontade de fazer presente o ocultamento do mundo, a sua distância e ausência; trata-se de querer pegar com a mão aquilo que nela não cabe e que sequer está ali para ser pego. A verdade, enfim, a verdade que tem que ser provada, demonstrada, a verdade que abre as portas do ser, que abre as portas do mundo, a verdade da inexistência, da existência, que afirma o nada ou afirma o ser, mas sempre afirma, porque afirmar é prender, conquistar e tomar. Entendo

## Rio abaixo

Ádamo da Veiga e Cassiana Stephan

que ela canse, de fato. Mas, se é preferível lançar-se ao fundo do rio e se silenciar, seria isso possível? Seria o caso de se afogar sem luta, entregar-se à potência do rio que arrasta a razão e a verdade, em um quietismo que, no fim, é dar-se à morte? É difícil imaginar que é possível retirar-se da catástrofe, dos rios que inundam e inundarão, das tempestades e das secas que estão aqui e retornarão; que outro caminho temos se abrimos mão da luta e da verdade?

Tudo já foi dito, tudo já foi feito; não há na tarefa da crítica algo que não seja entregar-se ao silêncio ou à agonística da verdade? Não conseguimos, no fim, nos recolhermos ao silêncio – por isso, estamos aqui, escrevendo. Não conseguimos sermos capazes de escapar da violência do pensamento. É neste forçado encontro com alguma coisa que nos faz pensar que pensamos, nos diz Deleuze (2011); então, não podemos escapar do pensamento. Mesmo quando pensamos que melhor seria negar tudo e se lançar calmamente às profundezas do rio, não estamos pensando do mesmo modo? Temos que pensar e pensar é



lançar-se o jogo cansativo da afirmação e da negação, da vontade e da catástrofe. Porque quando vemos um Estado arrasado pelas chuvas, pela mudança climática que a nossa vontade de verdade fez cair sobre todo o planeta, quando vemos ruas se tornarem rios, casas se tornarem escombros, não temos opção a não ser pensar. Ou será que temos?

177

*Imagem 5. The river (from the Story from Czechoslovakia, my country), 1965/75, CP Jan Saudek. Fonte: Aperture*

6.

“Ou será que temos?”, você pergunta a ela.

Ela achou que poderia não pensar, ao menos por alguns minutos, ao menos durante os minutos que correm rio abaixo; paradoxalmente, ela pensou que poderia parar de pensar, suspendendo-se do tempo e do espaço atrelados à vontade de verdade que nos habita.

Ela disse em voz alta: Não temos alternativa, a despeito da morte do sujeito e do enterro de sua universalidade alastrada pela força do rio, pela força de Gaia, continuamos a exercer o papel da coisa que pensa. Achei que, me entregando ao rio, eu poderia assumir, por alguns instantes, o papel da coisa que ama a despeito da crueldade desse amor. Mais uma vez, me enganei. O amor nunca será suficiente mediante a violência que tragicamente nos dispõe à catástrofe.

Rio abaixo, ela abriu a boca para proferir essas palavras a ele, seu interlocutor oracular. Com a boca aberta, ela começou a se afogar. Não foi o rio que a afogou, mas o logos e a vontade de poder a ele atrelada.

Em desespero, ela pensa que talvez a única alternativa ao pensar seja o crer.

Com medo de engolir toda a água do rio que o *logos* lhe imputava, ela fechou a boca. Colocou as mãos sobre a boca para impedir mais uma sessão de afogamento.

No entanto, mesmo com a boca fechada, o logos exercia uma grande força sobre ela. Ela continuava a pensar, enquanto o rio se movimentava sem parar.

“Será que aqueles que creem não pensam?” Ela se pergunta em silêncio.

178

“Qual é a diferença entre eu, que penso rio abaixo, e elas, que rezam rio abaixo?” Ela se pergunta em silêncio ao se deparar com um grupo de mulheres que oram a Deus em meio aos destroços deixados pelo rio, seu amante de outrora.

Ela pensa: “Não consigo confiar em Deus como elas confiam; não consigo amá-lo como elas o amam. Acho que meu amor pelo rio não foi superado e tampouco o meu amor pelo logos humano, muito humano. Não consigo crer e, por isso, talvez eu não consiga transcender para além desse umbral no qual estou submersa.”

\*

Ela diz a você que queria confiar em Deus como Santa Bárbara nele confiara. Ela diz a você que talvez o pensamento da coisa que pensa esteja ainda muito fundamentado na dúvida lógica que acaba nos afogando ao colocar tudo em questão.

Santa Bárbara não se afoga em meio à chuva que se mescla ao rio porque ela confia em Deus. Então, é possível que a crença, ao contrário do pensamento, se fundamente na confiança. É possível que a confiança gere a persistência, essa persistência que nos permite persistir em meio à catástrofe que herdamos e, ao

## Rio abaixo

Ádamo da Veiga e Cassiana Stephan

mesmo tempo, geramos. É possível que a persistência tenha mais relação com a confiança e com toda a espiritualidade que nela tramita do que com a força intrusiva do logos e de sua modernidade anacrônica.

“O pensamento me paralisa”, ela pensa.

“O pensamento me afoga”, ela pensa.

A crença, contudo, não parece paralisar e afogar aquelas senhoras que, passando os dedos sobre as contas dos rosários, proferem as seguintes palavras: “Ó Santa Bárbara, que sois mais forte que as torres das fortalezas e a violência dos furacões, fazei que os raios não me atinjam, os trovões não me assustem e o troar dos canhões não me abalem a coragem e a bravura. Ficai sempre ao meu lado para que eu possa enfrentar, de frente erguida e rosto sereno, todas as tempestades e batalhas da minha vida para que, vencedor de todas as lutas,



com a consciência do dever cumprido, possa agradecer a Deus, criador do céu, da terra e da natureza, e que tem poder de dominar o furor das tempestades e abrandar a crueldade das guerras.”

179

Sem saber o que fazer, já que o logos que a ela se impõe não é nada pragmático, ela pergunta a ele: será que, ao confiarem em Santa Bárbara, elas escapam ao pensamento que se impõe pela lógica tradicional do logos? Será?

*Imagem 6. 1772, Saint Barbara, 1772, Francisco de Goya. Fonte: [Museo del Prado](#)*

7.

Eu também vi as senhoras rezando na beira do rio e entendo que, diante da falência do logos, da vitória da desrazão da própria razão, possamos ir até a crença. Mas a crença também tem seus perigos. É na mistura do logos com a crença, no que a ciência mantém da teologia – a verdade como o Absoluto – que

## Rio abaixo

Ádamo da Veiga e Cassiana Stephan

ele adquire grande parte do seu perigo. E é também pela captura do logos pela crença que ele pode se desdobrar nos mais terríveis perigos, como demonstra a aliança entre a irracionalidade do fascismo e a mais avançada tecnologia. Tenho medo da crença, pois vejo por toda a parte os seus perigos. A crença dogmática por qualquer besteira que se receba pelo celular; a crença no poder messiânico de líderes autoritários; a crença na incontestabilidade de um livro de dois milênios e a falsa crença de que só existem dois gêneros.

Vejo aquelas senhoras rezando na beira do Rio e me compadeço da sua dor. Não escuto as suas orações, mas não deixo de ter medo. Quando Gaia se introduz, muitos, como elas, podem ver na sua intrusão a parusia prometida, sinais do Apocalipse, a iminência do retorno de Cristo. Tempestades, enchentes, furacões, tornados, secas e doenças; aquilo que Gaia promete se parece terrivelmente com o fim do mundo que tantos esperam. Aqueles que negam a intrusão de Gaia, que negam a ação humana na transformação global do clima, sabem muito bem se beneficiar desta crença e do seu messianismo – fazem crer em Deus fazendo descreer na ciência e no que ela nos diz sobre Gaia. E se assim estas senhoras lerem a violência do rio, o seu desespero se tornará ódio contra aqueles que figuram o pecado, a carne e o Outro, e a sua crença se tornará a descrença de tudo que podemos fazer para nos proteger diante de Gaia. Mas daqui não posso saber o que elas rezam.

180

Entre o logos e a crença prefiro me alojar em um certo espaço. Me situo no insolúvel, no impossível e no talvez. Talvez a fé seja melhor que o logos, talvez o logos seja melhor que a fé, talvez seja possível amar o rio, talvez seja possível responder à Gaia. Talvez seja possível não responder nada, talvez seja impossível sustentar o silêncio. O espaço do talvez é o espaço em que estamos quando não sabemos o que se passará com o chão sob nossos pés, com o ar que respiramos e com o céu sobre nossas cabeças.

Talvez.

## Bibliografia

- Adorno, T.; Horkheimer, M. (1985). *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bataille, G. (2020). *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Cartola. (1976). Preciso me encontrar [Música]. In: *Cartola II*. Discos Marcus Pereira.

## Rio abaixo

Ádamo da Veiga e Cassiana Stephan

- Chakrabarty, D (2021). *The Climate of History in a Planetary Age*. Londre se Chicago: Chigaco University Press.
- Deleuze, G.; Guattari, F. (2011). *O Anti-Édipo: capitalismo e ezquizofrenia*. São Paulo: Editora 34.
- Foucault, M. (1998). Nietzsche, a genealogia e a história. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- Hobbes, T. (1974). *Leviatã, ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Os pensadores.
- Latour, B. (2015). *Face à Gaïa : huit conférences sur le Nouveau Régime Climatique*. Paris: La Découverte.
- Marx, K.; Engels. F. (1997). *Manifesto do partido comunista*. Lisboa: Avante.
- Marx, K. (2023). *O Capital*. São Paulo: Boitempo.
- Nancy, J-L. (1999). *La communauté Désœuvrée*. Paris : Christian Bourgois Éditeur.
- Nietzsche, F. (2009). *Genealogia da Moral*. São Paulo: Companhia de Bolso.
- Pessoa, F. (2013). *Livro do Desassossego*. Salvador: Nostrum Editora.
- Sacher-Masoch, L. (1991). *Venus in Furs*. In L. S. Masoch. *Masochism* . New York: Zone Book.
- Spinoza, B. *Ética*. (2009). Belo Horizonte: Autêntica.

181

### ÁDAMO DA VEIGA

Doutor (2020) e Mestre (2016) em Filosofia com ênfase em Ética e Filosofia Política pela PUC-RIO, com Estágio de Pós-Doutorado nesta mesma instituição. Atualmente, é pesquisador de pós-doutorado no Laboratório de Estudos Queer em Educação da Faculdade de Educação da UFRJ como bolsista FAPERJ; sua pesquisa versa sobre as relações entre ecologia queer, mudança climática e o campo educacional. Possui Bacharelado em Relações Internacionais pela Universidade Federal Fluminense (2011) e Licenciatura em Filosofia pela UERJ. Tem experiência na área de Filosofia Contemporânea, Filosofia Moderna, Teoria Queer e Filosofia e questão ambiental.

### CASSIANA STEPHAN

Pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa Currículo, Ensino e Diferença da UFRJ, com a pesquisa intitulada "No espelho de Medusa: pensar a teoria de currículo desde diferenças monstruosas" (FAPERJ). No ano de 2020, defendeu a tese intitulada "Amor pelo avesso: de Afrodite a Medusa. Estética da

## Rio abaixo

Ádamo da Veiga e Cassiana Stephan

existência entre antigos e contemporâneos", premiada pela Rede de Mulheres Filósofas (RBMF) em parceria com a Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) na categoria Tese de Destaque Acadêmico 2020. Desde 2015, integra o *Instituto Latinoamericano de Estudios Críticos Animales* (ILECA) e faz parte da comissão editorial da *Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales* (RLECA), tornando-se codiretora do periódico em 2021. Atualmente tem se dedicado às intersecções entre o pensamento pós-estruturalista de perspectiva feminista-animalista, os pós-humanismos e a teoria de currículo.